

33º Encontro Anual da ANPOCS

Grupo de Trabalho 25: Migrações Internacionais

Título: Família e migração: O caso de Gonzaga – “a terra de Jean Charles Menezes”

Autora: Alexandra C. Gomes de Almeida. (UFSCar)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo expor o fenômeno do fluxo emigratório no município de Gonzaga (MG). A cidade ganhou repercussão internacional tanto na mídia impressa quanto televisiva, devido a morte de um dos cidadãos em setembro de 2005, Jean Charles Menezes. O mineiro foi assassinato numa das estações de metrô londrinas (Inglaterra) após a polícia britânica o ter confundido com um suposto terrorista, o evento tornou-se notícia por causa da violência da morte, além de ter transformado-se num exemplo das condições problemática as quais milhares de imigrantes são expostos. Assim, a partir da perspectiva antropológica, esta pesquisa enfoca as mudanças ocasionadas na dinâmica social da cidade após da exposição imprensa mundial, com o objetivo de aprofundar a compreensão das noções de família, das tradições locais e, conseqüentemente, o entendimento da categoria de imigrante local. Portanto, a prioridade de análise está nas famílias desde sua organização, até código de conduta e valores que determinam as condições da emigração regional.

Palavras chaves: Migração internacional, família, mídia.

1. Introdução:

Este trabalho pretende analisar o fenômeno da emigração internacional no município de Gonzaga, interior de Minas Gerais, cidade conhecida internacionalmente pela morte de Jean Charles Menezes, rapaz que foi assassinato numa estação de metrô londrina (Inglaterra) em 2005,

após a polícia britânica o ter confundido com um suposto terrorista. A complexidade de Gonzaga consiste sobre a particularidade da exposição local nos meios de comunicação e, assim, relacionando ao aspecto de como as relações sociais e os fluxos migracionais foram ou vêm sendo alterados após a repercussão do assassinato.

Com a efetuação etnográfica na cidade, considerações importantes demonstram diferentes rumos para o debate de fluxos migratórios. Compreendendo que a migração não é apenas um deslocamento de pessoas no globo terrestre, possibilita-nos enxergar o processo como um trânsito de pessoas inseridas numa vasta rede de relações sociais (Durham, 2004, p.189).

É recorrente no debate acadêmico a reflexão acerca dos interesses econômicos, demográficos e nas conjunturas políticas sobre o tema, o que desperta maior atenção para discursos acerca de nacionalidade. As análises priorizam o viés econômico para encontrarmos e definirmos a imagem, ou identidade, pela qual os migrantes necessitam adequar-se ao adentrar no mercado de trabalho do país receptor. Entretanto, como o processo de migração acaba por envolver complexas implicações nos aspectos sociais, estatais jurídicos e institucionais, enfatizando as formas distintas destes aspectos, isso devido aos grupos sociais nos diversos contextos sociais (Patarra, 2006). Porém, pouco é tratado do fenômeno da emigração para aqueles que ficam no país de origem, é difícil encontrar uma bibliografia que trate dos aspectos subjetivos daqueles que permanecem no país de origem e que estão na espera e dependem de parente ou afim emigrante. Assim, a contemporaneidade do debate está nas inúmeras dimensões que abordam

desde as redes que se criam e reforçam a continuidade dos fluxos, como questões econômicas, de fronteira, parentesco, família e valores morais.

No contexto brasileiro encontramos maiores reflexões (ver maiores detalhes em Assis & Sasaki, 2001) sobre a existência das redes já consolidadas, essas que envolvem brasileiros emigrantes junto dos que ficam no país. As redes garantem a manutenção dos fluxos de pessoas para diferentes países como Estados Unidos, Japão e países europeus (Portugal, Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha), porém cada fronteira tem sua especificidade porque não são todos grupos de brasileiros que possuem intenção de fixar-se definitivamente noutro país.

Desta forma, o foco do presente trabalho é a abordagem o fluxo emigratório no município de Gonzaga, assim questionando se de fato houve algum impacto no fluxo migratório da região depois do assassinato de Jean Charles. Ou seja, que vem ocorrendo com a cidade após tamanha exposição na mídia. Mas antes de apresentar qualquer resposta é necessário conhecer minimamente o contexto da mesoregião onde está localizado Gonzaga, o Vale do Rio Doce.

Vale do Rio Doce e Gonzaga:

A população da região do Vale do rio Doce enfrenta problemas econômicos e sociais culminando em poucas oportunidades de emprego, baixa possibilidade de crescimento econômico e de perspectiva de mudança sócio-econômica. Como alteração para tal quadro, a maioria da população jovem ou em idade ativamente econômica opta por emigrar para outros países como os Estados Unidos e países da Comunidade Européia. A visão

sobre o mercado de trabalho brasileiro, a qualidade e oportunidade de vida no país são péssimas, além de serem sinônimos de atraso¹.

O censo de 2001, realizado pelo IBGE, demonstra que entre os 5.620 habitantes gonzaguenses, a maioria destes (33,4%) recebiam um rendimento mensal de até um salário mínimo, 6,5% até dois salários mínimos; enquanto 2.534 habitantes são residentes que declararam não possuírem rendimento. Através destes dados, calculou-se que a média do rendimento nominal mensal dos cidadãos de Gonzaga girava em torno de 238,76 reais². A dificuldade de oportunidades de emprego são também consequência da localização geográfica de Gonzaga, essa que se encontra a 320 km da capital mineira, Belo Horizonte e, a cidade mais próxima com melhor estrutura econômica é Governador Valadares localizada a 90 km de Gonzaga, esta também apresenta as mesmas características de evasão migracional.

As pesquisas acadêmicas no Vale do Rio Doce abordam mais a cidade de Governador Valadares, apelidada como “Valadólares” e pelo intenso fluxo emigratório da população para os Estados Unidos, sendo que não há um estudo detalhado da emigração internacional nas outras cidades da região. Podemos destacar entre os principais trabalhos sobre Governador Valadares: os do sociólogo Weber Soares (2002), Wilson Fusco (2001) e Gláucia Assis. (Assis; Sasaki, 2001). De forma que, somente após 2005,

¹ Dado obtido nas entrevistas com o Delegado Federal Rui Antônio da Silva; o Delegado Regional da ABAV (Associação Brasileiro de Agências de Viagens de Minas Gerais) Francisco Luis Texeira; e com o vereador Paulinho Costa responsável pela APEMIG (Associação dos Parentes e Amigos de Emigrantes).

Gonzaga “conquistou” sua notoriedade em relação a migração com a articulação de notícias sobre o assassinato do jovem Jean.

Durante o período que frequentei Gonzaga notei que a cidade apresenta alguns problemas de infra-estrutura, há apenas um posto de saúde na cidade e este não comporta a demanda da cidade e nem oferece todos os tratamentos de saúde, tanto que quando há um caso hospitalar mais grave é necessário encaminhar o paciente para outras cidades, como Governador Valadares, Guanhães ou Virnópolis. Há apenas uma escola pública para atender a demanda do ensino básico, fundamental e médio num mesmo espaço, e quase não há opções de lazer e cultura para a população. A emigração passou, aparentemente, a ser um modo de ascensão de qualidade de vida, afinal com o envio de remessas as famílias obtêm maiores condições financeiras para comprar eletrodomésticos e computadores ligados à internet e criar algum comércio local. As pessoas afirmam que a emigração é um fato de extrema relevância na vida e manutenção da cidade. Segundo os relatos dos gonzaguenses, se não fosse a emigração a cidade estaria fadada ao esquecimento e ao atraso social, pois não há perspectiva de melhoras via ações governamentais.

Mídia: As conseqüências perante o caso de Jean Charles:

Antes do assassinato de Jean Charles, as matérias referentes aos brasileiros - imigrantes na Inglaterra, retratavam as condições de sobrevivência do grupo, no crescimento dos brasileiros enquanto imigrantes clandestinos, as estratégias de permanência no país, a comercialização de vagas no mercado de trabalho, falsificação de documentos, deportações, prisões. Observamos então que essas matérias demonstravam a

preocupação das autoridades britânica com o aumento do grupo de estrangeiros, num aspecto negativo, tanto que os brasileiros estavam associados à marginalidade e aqueles que não respeitam as condições políticas e jurídicas do país britânico (Póvoa; [BBC Brasil, 28.11.2002], 2006).

Depois do assassinato do Jean Charles a imprensa britânica publicou diversos artigos e crônicas “explicando” a possível motivação dos brasileiros emigram para a Inglaterra. E definiram entre os fatores desemprego, violência, condições sócio-econômicas desfavoráveis; situações essas que estariam levando jovens brasileiros a procurarem oportunidades de melhoria de vida no exterior³ (Póvoa; 2006).

A imprensa permaneceu em Gonzaga durante o funeral do brasileiro, o que fez os jornalistas entrarem, superficialmente e rapidamente em contato com os dilemas sócio-econômicos do interior de Minas Gerais. O resultado dessa convivência converteu em especulações da vida social local, como generalizações e deterioração da imagem de cidades interioranas sendo sinônimos de atraso econômico e social. Além, também, de abordar a cidade somente sob a perspectiva da família de Jean Charles, esta que ainda luta por justiça e devidas explicações do assassinato.

Com o trabalho etnográfico na cidade, considerações importantes foram reveladas pelos cidadãos gonzaguenses, os cidadãos mostraram estar preocupados com a importância da consolidação e manutenção de núcleos familiares. As tradições morais que consistem desde a conduta das esposas, até na influência social aos homens por procurarem trabalho fora de

³ [O Globo, 23.7.2005, 25.7.2005, 28.7.2005; Folha de São Paulo, 24.7.2005; Jornal do Brasil, 27.7.2005].

Gonzaga. Interessante retratar que por parte dos cidadãos pouco se comenta sobre o “*cidadão celebridade*”⁴, apenas em alguns momentos de conversas informais surgem reclamações da intensa exposição da cidade à mídia, outrora algumas piadas satirizando os primos do falecido que constantemente aparecem em entrevistas das emissoras brasileiras.

Os questionamentos da população sobre a exposição do caso é que cidade ficou visada como um suposto pólo de riqueza, devido aos envios das remessas de dinheiro. Isto atrapalhou a rotina da cidade porque viu-se uma maior circulação de estranhos e forasteiros curiosos, de modo que ocorreram alguns casos de assaltos, algo, que até então, jamais havia acontecido na cidade. Em geral, os moradores associam estes atos de violência e culpam a mídia e a repercussão da morte de Jean Charles por estes acontecimentos.

Com este panorama, noto a necessidade de relevar a subjetividade dessas pessoas e analisar que elas não estão marcadas por aquilo que notícias e debates informais da mídia especularam acerca da memória de Jean Charles. Ao conviver com a rotina de Gonzaga ampliei-me outras questões acerca da migração, ou seja, outra perspectiva para se entender migração.

O Campo:

A etnografia realizada na cidade de Gonzaga, referente ao período de 80 dias (primeiros meses de 2009), trouxe novos apontamentos referentes à Gonzaga. As alterações referentes ao evento Jean Charles acontecem para quem está fora da cidade, enquanto na cidade, a única mudança foi a não

⁴ Termo utilizado pela população local.

recepção imediata aos forasteiros, pois quem é de fora da cidade associa-se a idéia de pessoas suscetíveis à desconfiança, e que podem prejudicar a segurança das famílias residentes.

Ao chegar, pela primeira vez, à cidade enfrentei uma complicada inserção e aceitação pela população local. Já na segunda visita à cidade uma moradora me convidou para morar em sua casa. Com esta brecha obtive a aceitação em campo e a pesquisa ganhou outra dimensão. É importante ressaltar que meu acesso foi ao universo das mulheres - mães, esposas, avós. O desenrolar do campo foi marcado por diversas estratégias e atuações da minha pessoa para adentrar, de alguma maneira, nas redes sociais da cidade. Portanto, o panorama sobre os fluxos emigratórios de Gonzaga associado com a tragédia de Jean Charles tornou-se confluentes com as informações sobre família e a posição da mulher, aliás, o discurso feminino destacou-se na interpretação locais.

A inserção na cidade me mostrou que o fato de eu ser jovem, mulher, solteira, sem filhos (as), católica praticante e com profissão liberal restringiu minha penetração nos espaços sociais da cidade. Acabei por ter como principais informantes mulheres casadas (idade entre 25 a 38 anos), algumas com idade superior aos cinquenta anos e as crianças – filhos e filhas dessas mulheres, detalhe que todas são religiosas. Essas me atribuíram como uma terapeuta ou psicóloga porque, simplesmente, escutei desabafos e queixas do cotidiano delas, condição esta que me proporcionaram outra visão de Gonzaga.

Elas desabafavam problemas cotidianos, ainda que sem parecerem esperar qualquer tipo de recriminação da minha parte. Minha função foi apenas ouvir, quase nunca me permiti opinar, somente quando elas

requisitavam por isto. Agora descreverei algumas desses desabafos, histórias de vida e até fofocas com os quais me deparei e revelam outros traços da migração.

As mulheres de Gonzaga:

Essas mulheres entendem família como o modelo conjugal de esposa, marido e filhos. O casamento também amplia as relações de afinidade com proximidade, geralmente, conflituosa em relação ao núcleo familiar do marido. Muitas histórias e desabafos que chegaram até mim foram relacionados às articulações entre a afinidade da mulher com os familiares do esposo (sogra, sogra, irmãos, irmãs, primos, entre outros considerados familiares do marido).

Em Gonzaga, a mulher quando se casa acaba por assumir toda a responsabilidade pelo trabalho doméstico da criação dos filhos e filhas, a estabilidade da própria união matrimonial e o controle da vida familiar sobre os comentários dos vizinhos e amigos. O modo como são executadas as tarefas da mulher também definem o status do marido perante a população. A esposa que não é alvo de comentários e fofocas é aquela que mulher se restringe aos serviços domésticos e, mesmo que ela trabalhe fora de casa, isto é considerado um serviço complementar à função do marido. Já o homem é responsável pelo sustento financeiro da casa, além de vigiar o cotidiano dos filhos, das filhas e esposa, a fim de que a família não seja pauta no círculo das fofocas, pois isto fere o status do marido e destrói a reputação da mulher enquanto esposa.

Quando a esposa e filhos entram no círculo de fofocas, a ênfase dessas é denegrir a imagem alheia. São questionados pela população os

motivos do porque um marido não consegue controlar a própria casa, de maneira que o status de sua masculinidade é questionado. Para proteger o núcleo familiar e o status do homem, a família do marido se vê no direito de vigiar as atitudes da mulher e dos filhos desse, pois a ação da mulher e das filhas é que codifica o status do homem enquanto chefe de família.

A dinâmica familiar em Gonzaga é o principal motor para as redes relacionais na cidade e, considerando que a concepção de família da cidade envolve a divisão sexual do trabalho e dos papéis sociais. Os relatos descritos a seguir são versões unicamente das mulheres.

A família que me acolheu é exemplo desta relação conflituosa entre esposa e parentes do marido. Tornei-me confidente de C. C.⁵ e o caso desta família começa conflituosa desde o namoro dos cônjuges. Ambos casaram por imposição das famílias porque tinham quase um ano de namoro e há 15 anos namoros longos não eram tolerados.

Com poucos meses de casados o marido foi embora de Gonzaga para trabalhar no Rio de Janeiro. C.C. ficou em Gonzaga sobre a vigilância constante da família do marido, ela não tinha a permissão nem para visitar a casa dos pais. Nos primeiros anos de casados ele trabalhou no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, visitava Gonzaga numa média de três a quatro vezes por ano. Nesse pouco tempo de casamento o marido teve uma amante enquanto trabalhava no Rio de Janeiro, ele contou a ela. Este foi primeiro grande conflito do casal. Ela pediu a separação e durante alguns dias voltou a morar na casa dos pais.

⁵ Em respeito às histórias de vida a fim de preservar a privacidade das mulheres, não citarei nome algum, apenas a iniciais de nomes fictícios.

Porém, C.C revolta-se ao lembrar deste episódio, porque nesse tempo que retornou a sua família, a cidade comentava que o fim do casamento era responsabilidade dela, e se o marido estava com uma amante era por que C.C não estava cumprindo bem o seu papel enquanto esposa. Com 15 dias de separação, o marido pediu a reconciliação, afinal o casal já tinha a primeira filha. Ela aceitou voltar devido ao medo de não conseguir sustentar a filha sozinha, além da imposição da sua própria família, que a influenciou na decisão. Mulher divorciada é motivo de vergonha na região.

Após o nascimento das outras duas filhas do casal e a primeira tentativa de separação, o marido decidiu ir para Portugal tentar melhores empregos já que ele tinha primos trabalhando lá. Em Portugal, ele ficou durante um ano e oito meses. C.C afirmou que a qualidade de vida começou melhorar depois que ele passou a enviar dinheiro de Portugal, a partir daquele momento ela pode oferecer tudo aquilo que não teve para suas filhas, já que ela enfrentou uma infância marcada pela pobreza.

Ele retornou de Portugal durante alguns meses e com o dinheiro que economizou seguiu em direção aos Estados Unidos, pois o marido da irmã de C.C já estava trabalhando lá. Ele ficou nas terras norte-americanas durante oito anos e a queixa de C.C é que ele não acompanhou o crescimento das filhas, como também não participou da construção das duas casas que conquistaram com o trabalho dele no exterior. Ela questiona o casamento porque somente dedicou-se em investir o dinheiro do marido e criar suas filhas, jamais dando margem para que sua reputação caísse em círculos de fofoca, com exceção da primeira tentativa de separação.

Depois da ida dele para aos Estados Unidos, os conflitos entre o casal e dele com as filhas aumentou, pois ele tentou estabelecer o controle dos

horários da casa pela vigilância de primos e irmãs que moram na mesma rua que C.C.. O marido considera um absurdo C.C. não obedecer as suas ordens e ainda a culpa pelas filhas não o tratarem como autoridade e nem possuírem uma relação afetuosa com o pai. Enquanto isso, a esposa também considera um absurdo o marido impor novas regras na dinâmica da casa, já que ela foi quem sempre cuidou das filhas e do patrimônio do casal.

Agora com o retorno definitivo do marido para Gonzaga, para C.C ele está trazendo mais discórdia na casa, pois ela não está admitindo que ele controle os horários da casa, muito menos permite a opinião da família dele na forma de criação das filhas, principalmente no que diz respeito à garota mais velha, de quinze anos de idade, que começou a namorar um rapaz, que só foi permitido porque o menino precisou pedir “*a mão*”⁶ dela ao pai. O pai, por sua vez, concordou com ressalva, ainda que a culpe C.C. de ter dado uma péssima educação à filha, caso contrário ela não estaria pensando em namoros e garotos aos quinze anos de idade.

Essa repressão sobre as mulheres é de uma rigidez extrema, tanto que muitas meninas são proibidas de saírem de casa sem a companhia da mãe. O controle paterno endossa que as filhas só devem conquistar total liberdade e controle da própria vida depois do casamento, liberdade essa que, como aqui descrevi, passará ao controle do marido.

Outro exemplo da rigidez sobre a conduta das mulheres é sobre as jovens que freqüentam festas e saem de casa durante a noite. Essas são

⁶ Todas as palavras escritas em itálicos referem-se à termos usados pelas mulheres de Gonzaga. Neste caso C.C. explica o termo como o pedido formalizado do encontro entre o rapaz e o marido de C.C.

julgadas como “*largadas*”⁷, de má criação, pois essas meninas, entre 12 e 18 anos, acabam por namorar muitos rapazes e são alvos constantes de vigilância e fofocas dos vizinhos (as), que as criticam como meninas já “perdidas” na vida, ou seja, são taxadas como futuras mães solteiras, pois nenhum homem as levarão à sério, muito menos para o altar da igreja.

Exemplo disso é a história de uma moça que trabalha no hotel da cidade e vem enfrentando problemas com o pai de seus filhos. Ela é “*juntada*”, ou seja, ela não casou com a benção da igreja, diante disso, a vizinhança não atribui o status de esposa a ela, referem-se como “*a mãe dos filhos do fulano*”. Na primeira união conjugal da moça, o casal teve dois filhos e com nascimento das crianças o rapaz emigrou para os Estados Unidos, porém já faz cinco anos que ele trabalha fora e por algum motivo ele parou de enviar dinheiro aos filhos. A jovem mulher sem ter o auxílio do pai das crianças entendeu que não há mais vínculo na relação entre ambos, assim ela iniciou outro envolvimento com outro homem. Desse novo relacionamento ela teve mais um filho.

O ex-companheiro, ao saber do outro filho, jurou de morte a criança e, também, o segundo companheiro da moça. O atual companheiro dela, ao saber das ameaças, foi embora e a deixou com o filho – e ainda sobre as ameaças de seu primeiro parceiro. Ela se tornou pauta nas fofocas porque deixou de receber ajuda financeira de ambos os pais. As fofocas circulam dizendo que o primeiro companheiro liga para os filhos pedindo que eles matem o irmão do outro homem, pois a criança seria fruto da “*safadeza*” da mãe. As crianças ficam assustadas com o pedido do pai e não há um vizinho

⁷ Expressão usada pelas mulheres de Gonzaga.

que não acredite na promessa de morte do rapaz, pois os irmãos daquele são conhecidos na região por serem violentos.

Apesar de a moça estar sobre constante ameaça de uma tragédia familiar, as próprias mulheres da cidade a julgam, acusando-a de estupidez por arrumar um amante pobre e da cidade vizinha, elas apontam ser óbvio que nesta história o comportamento dela resultaria em problemas. Os comentários alheios supõem que com o retorno de seu primeiro companheiro ela será posta “*na rua*”, pois é sabida a forma como os homens tratam as mulheres neste contexto. Mesmo com o rompimento das obrigações maritais como o envio de fluxos de dinheiro, isso na lógica local, as tensões familiares são frutos dos desvios femininos.

A abundância de histórias como esta última, demonstra que a participação nas rodas de conversas femininas revela que a centralidade da questão migratória não é a situação de quem emigra, mas sim daquelas que ficam em Gonzaga. Portanto, pouco presenciei relatos sobre ‘Jean Charles’. A preocupação das mulheres de Gonzaga está nelas se projetarem pela inserção no status do casamento “*bom*”, religião e no núcleo familiar.

Não por menos que com a evidência do filme do ‘Jean de Charles’ incitaram comentários que a cidade enfrentará uma nova bateria de reportagens e jornalistas freqüentando o local. O interesse das mulheres pelo filme não é sobre como será abordada a injustiça do assassinato, mas sim no enfoque na vida da prima de Jean Charles, a Vivian.

Segundo as fofocas, a prima antes emigrar para a Inglaterra vivenciou uma grande decepção amorosa, tendo sido “*enrolada*” durante muitos anos por seu namorado, que afirmava não pretender se casar em comunhão de bens. Ele afirmava a todos os amigos e homens da cidade que jamais se

casaria, pois não admitiria uma mulher usufruir das posses econômicas dele – ele foi um dos primeiros homens a emigrar para os Estados Unidos e, hoje, é um dos homens de melhor situação financeira na região.

A prima de Jean, apaixonada, não questionava o namorado, mas ela enfrentava a pressão da família para deixá-lo, o fato dele não querer assumir compromisso sério resultaria numa má reputação para ela. Certo dia o namorado sofreu um acidente de automóvel e ficou durante um tempo hospitalizado. A moça dedicou-se a cuidar dele como se fosse esposa. Depois de recuperado o namorado continuou afirmando que jamais se casaria, pois achava que todas as mulheres só se aproximavam interessadas por seu dinheiro.

Depois da ingratidão do namorado, a família ficou indignada com essa atitude e preocupada com a reputação dela e a convenceu a abandoná-lo e seguir em rumo de novas oportunidades, afinal na cidade dificilmente ela teria um bom emprego e outro bom partido para se casar. Assim, a prima partiu para a Inglaterra. As mulheres de Gonzaga comentam, acerca do filme, por torcerem pelo sucesso da moça, pois ela é uma das poucas que deixaram a cidade e tiveram sucesso independente do êxito do casamento e da presença de um homem (na condição de marido, ou noivo) em sua vida.

A vivência do campo e a perspectiva da mulher trazem o tema da família e da subjetividade feminina sobrepondo-se ao mecanismo das redes sociais migratórias e a discussão de identidade transnacional. De maneira que terminarei os exemplos das descrições etnográficas com a história de uma garota de quatorze anos, traumatizada pela emigração não bem sucedida (economicamente) do pai.

Quando o pai de M.F.G. emigrou aos Estados Unidos ele prometeu

presentes, a reforma da casa, carro, computador e uma série de melhorias financeiras à família. Com o tempo ele ajudou os irmãos e um único cunhado a emigrarem para lá. No período que ele trabalhou no exterior ainda havia muita oferta de emprego no setor de construção civil, porém ele não confiava em mandar o dinheiro para a sua esposa. Então, toda a economia do pai de M.F.G. era repassada ao irmão e mãe dele e as necessidades da filha e da esposa eram controladas pelos familiares dele. A família do pai de M.F.G. calculava os gastos da garota e de suas irmãs, de maneira, que elas esperavam pelas remessas de dinheiro somente para pagar a alimentação, a conta de energia e de água da casa.

O pai da garota permaneceu fora ao longo de cinco anos e mandou somente uma caixa de presentes neste período. Sendo o comum, em Gonzaga, os pais e as poucas mães emigrantes enviarem diversas caixas de presentes nas datas comemorativas, como em aniversários e Natal.

No retorno do pai, a garota com suas duas irmãs e mãe aguardavam ansiosas por ele. Imaginavam a quantidade de presentes que ele traria a elas, conforme havia prometido. No entanto, ele retornou sem os presentes, não trouxe nada do que havia combinado. E somente com a presença definitiva dele é que se iniciou a reforma na casa. A mãe de M.F.G. ainda acredita e especula que todo o dinheiro que ele economizou continua sobre o controle da sogra e ela, enquanto esposa, junto das suas filhas, continuam passando por necessidades financeiras. A mãe, assim, compreende a revolta da filha.

Depois de tanta intriga com a família do marido, a garota acredita que o pai confia somente nos irmãos dele e na mãe, e deixa a própria casa enfrentar necessidades. Hoje ele faz alguns serviços de pedreiro, serviços

esses arranjos pela esposa. A irmã de M.F.G., de doze anos de idade, já trabalha como babá para complementar o sustento de casa. M. F. G. faz tratamento com a única psicóloga da cidade. Segundo a mãe, ela apresenta um quadro depressivo.

Conversando com a tia materna, ela lembrou-se do quanto foi marcante o retorno do pai para as sobrinhas. A irmã de doze anos de M. F. G. chorou escondida quando presenciou um de seus tios dar inúmeros presentes para as primas. A irmã de M.F.G. chorou porque ficou com raiva ao se lembrar da promessa não cumprida pelo pai, afinal ele trabalhou tanto tempo nos Estados Unidos que ao menos deveria ter dado alguns presentes para ela, irmãs e mãe. A menina não entendia a atitude do pai de não demonstrar confiança nela, na mãe e nas irmãs. Depois a tia retomou o problema da M. F. G. dizendo que ela não tolera a presença do pai e sempre o menospreza e, contraditoriamente, não admite a possibilidade de trabalhar fora da cidade novamente.

Após a descrição de alguns aspectos de vida dessas mulheres é claro que o papel social da mulher é restrito aos cuidados da preservação do casamento e aos cuidados da família, através da dedicação à criação dos filhos e filhas, dos parentes mais idosos tanto dela como do esposo, da organização da casa, independente dela ter uma profissão liberal. Sobretudo, a mulher não pode dar motivos para ser alvo dos comentários rigorosos da fofoca, questionando a fidelidade matrimonial, não é tolerável a traição de uma mulher. Caso a traição aconteça, a mulher é marginalizada na cidade e, inclusive, é prejudicada na inserção do mercado de trabalho, pois elas são estigmatizadas como má influência às outras. Muitas mulheres que foram pauta dos ciclos da fofoca acabaram por deixar Gonzaga emigrando para o

exterior, ou para alguma região metropolitana no Brasil.

A maioria das esposas tem uma péssima relação com a família do marido, elas dizem se sentirem invadidas, pois não podem controlar a própria casa (espaço doméstico familiar) já que é constante a interferência da família do marido na dinâmica da casa. A interferência da família do marido é uma ameaça presente na vida das mulheres e se torna ainda mais incessante quando o homem está trabalhando fora de Gonzaga, seja no exterior ou nas capitais metropolitanas do Brasil. A vigilância da família do marido emigrado garante a sua honra em sua ausência física.

O casamento considerado de sucesso pela população ocorre quando o homem trabalha em benefício do sustento da casa. O casamento é independente das questões emocionais, da união motivado pelo sentimento do amor - aqui não entrarei no mérito da questão, embora haja uniões que contemplem. Para o homem gonzaguense importa o trabalho é isso que lhe confere o status de masculinidade e de integridade moral na sociedade. Por esse motivo que se encontram mais homens emigrados, do que mulheres.

Considerações Finais:

A emigração, na subjetividade dos gonzaguenses, se liga aos círculos de fofocas, os quais determinam também a conduta dos indivíduos a partir da manutenção de valores familiares compartilhados por estes, pela valorização do trabalho feminino ou via uma reestruturação na relação de parentalidade. O viés dos estudos de migrações que atentou para o foco nas relações estabelecidas entre os sujeitos que permaneceram no país de origem, e os agentes que emigraram, analisam o desenvolvimento das relações e práticas sociais, no sentido, de como o fenômeno migratório reestrutura a relação de

parentalidade, as mudanças de *habitus* entre os gêneros, como também as relações entre público e privado – a livre circulação de indivíduos, independente de vínculo comunitário (Castro, 2001).

A convivência com a realidade de Gonzaga revelou que as questões proeminentes da região não indicam um caminho de pensamento para delimitar identidade transnacional. O não uso do termo imigrante pela fala nativa, não é abordado como um assunto negativo ou problemática para os cidadãos. Com já enfatizei a importância está na consolidação do trabalho como parte da relação simbólica entre o status do casamento e da família em Gonzaga.

As mulheres não questionaram a emigração, ou o que as pessoas enfrentam fora do país. Emigrar é colocado como uma opção de trabalho. É mais uma tarefa comum para a população, independente de onde a pessoa a executa. As mulheres de Gonzaga consideram muito mais relevante a manutenção do status do casamento. Isto é o que permeia e contextualiza a questão emigratória à elas, o discurso é local, no sentido de Geertz.

O emigrar em Gonzaga não se encontra vinculado apenas pelas conquistas de bens materiais. O envolvimento com religião, com o núcleo familiar se revelam de maior destaque, o comportamento das mulheres em relação ao matrimônio, a função do marido com a família - relação essa sim questionada no discurso das gonzaguenses e associadas pela emigração.

A participação observante na cidade deixou evidente que a cidade não está preocupada em lembrar Jean Charles. A morte do rapaz tornou-se um discurso político sobre o fenômeno emigratório. O Jean Charles é utilizado como exemplo ao discurso dos direitos humanos, direitos dos emigrantes e injustiça para os olhares externos a Gonzaga.

Não é novidade a relação migratória de Gonzaga com o mundo. Mas como Durham aponta, é que a migração mineira possui um caráter familiar, com característica de solidariedade entre os parentes, amigos e afins.

“O universo espacial dos trabalhadores provindos de comunidades tradicionais, assim como das camadas mais pobres da população urbana, é formado de lugares onde seus conhecidos estiveram, ou onde moram pessoas de suas relações. Espaço geográfico e espaço social se constituem como realidade única, e as migrações se orientam neste universo de referência. A migração não pode ser compreendida simplesmente como um deslocamento do mapa, mas como um trânsito inserido em uma rede de relações sociais” (Durham, 2004, p.189).

A partir da dinâmica e da perspectiva das mulheres de Gonzaga, o evento Jean Charles não é relevante. O rapaz, enquanto vivo e emigrante, não deixou nenhuma noiva, nenhum filho, logo, não há motivo para as mulheres de Gonzaga discutir a respeito. Talvez, a história de Jean Charles seria polêmica na cidade, caso houvesse uma viúva e esta estivesse passando por uma necessidade financeira, pois são essas as preocupações do universo social dessas mulheres. A mulher é reconhecida e respeitada enquanto relacionada à condição de casada. Assim, não faz sentido, o discurso da mídia que supõe uma dor, uma ferida na população por causa do assassinato.

Até aqui são estas as considerações parciais, o que retratei até agora

é parte de uma pesquisa em andamento. Em Gonzaga, a ligação com a emigração constitui apenas nas relações que permanecem na cidade. As pessoas que emigram e retornam, não desejam o romper e nem pretendem construir uma alguma rede fixa para fora de Gonzaga.

Bibliografia

ASSIS, Gláucia de Oliveira; **SASAKI**, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: Um balanço da produção Bibliográfica. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. CNPD. Brasília. Agosto de 2001.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui...,estar lá...:uma cartografia da emigração valadarenses para os EUA. In Sales e Reis (orgs): *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *O conceito de sociedade em antropologia*. In. "A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia". Editora: Cosac & Naify. 2002.

CASTRO, Mary Garcia. Migrações Internacionais e Políticas: Algumas Experiências Internacionais. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. CNPD, Brasília, agosto de 2001.

DURHAM, EUNICE R. *A Dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. Eunice Ribeiro Durham; org. Omar Ribeiro Thomaz. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Entre a "Fortaleza" da Europa e os laços afetivos da "irmandade" Luso-brasileira: um drama familiar em um só ato. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. CNPD, Brasília, agosto de 2001.

FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados

Unidos. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. CNPD, Brasília, agosto de 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Editora: Zahar. 1989.

GLICK SCHILLER, Nina; **BASCH**, Linda; **BLANC-SZANTON**, Cristina. Towards a definition of transnationalism: Introductory remarks and research questions. In: **GLICK SCHILLER**, Nina; **BASCH**, Linda. *Towards transnacional perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. New York: Annals of the New York academy of Sciences. 1992.

GLICK SCHILLER, Nina; **FOURON**, Georges. “Laços de Sangue”: Os fundamentos do Estado Nação Transnacional. In: **FELDMAN-BIANCO**, Bela; **CAPINHA**, Graça (orgs): *Identities- Estudos de cultura e poder*. São Paulo: Editora Hucitec. 2000.

GRASFOGEL, R & **CHOLE**,G. 2000, <<Coloniality of Power and Racail Dynamics: Notes towards a Reinterpretation of Latino Caribbeans in New York city>>, *Identities*, VII (1): 85-125.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere Público: O exótico e a imigração no Porto, Portugal*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH/Unicamp, 1999.

_____. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento – o caso dos brasileiros em Portugal. Apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro, Coimbra, 2004.

_____. Estado-Nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: jan. 2005.

_____. “Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto”. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.23, p.257-278, 2004.

_____. Consideração sobre a construção de identidades brasileiras em Portugal e suas relações com categorias étnicas. Apresentado na Anpocs de 25 a 29 out. 2005.

_____. *Cárcere Público: O exótico e a imigração no Porto, Portugal*. Campinas, Tese de Doutorado, IFCH/Unicamp, 2003.

MARGOLIS, M. *Becoming Brazukas*. Paper presented at Harvard Conference “What about Other Latinos?”. Harvard University, 2002.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes*

em Massachusets. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações Internacionais: teorias políticas e movimentos sociais. In: *Estudos Avançado 20: Dossiê Migrações*, n. (57) (maio-agosto),p 07-24. . São Paulo. IEA. 2006.

PÓVOA, Helion Neto. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. In: *Estudos Avançado 20: Dossiê Migrações*, n. (57) (maio-agosto),p 25-39 . São Paulo. IEA. 2006.

SOARES, Weber. Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/ continuidade da segregação social no espaço urbano. In: **REIS**, Rosana R.; **SALES**, Teresa. "Introdução". *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo. Boitempo Editorial. 1995.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. *Cadernos Pagu* (23). Unicamp. 2004.

